

# SÉRGIO AUGUSTO

saugusto@estado.com.br



SEGUNDA-FEIRA LÚCIA GUMARÊS	TERÇA-FEIRA ARNALDO JABOR	QUARTA-FEIRA ROBERTO DAMATTA	QUINTA-FEIRA JÓLIO FERNANDES VERSSIMO	SEXTA-FEIRA IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO MILTON HATUMI	SÁBADO LAURA GREENHALGH MARCÉLO RUBENS PANA SÉRGIO AUGUSTO	DOMINGO VERSSIMO JÓLIO FERNANDES RUBENS FABIO PORCHAT
--------------------------------	------------------------------	---------------------------------	---	--	--	---

## Diga sim ao Nein

Navegar é preciso, viver não é preciso, teria insistido Fernando Pessoa, então se referindo à internet, possivelmente numa postagem do Twitter. Mesmo que não considerasse tuitar mais importante (ou necessário) que viver, Pessoa seria, desconforto, um adicto do Twitter. Não lhe faltavam vocação e emboadura, e seus avatares, diretos e indiretos (@ca-sapatera, @bookofisquie), corroboram diariamente essa predisposição, citando-lhe versos, confissões e aforismos.

Os poetas, sobretudo os concretistas, superam com mais facilidade a limitação dos 140 caracteres. "Irrita-me a felicidade de todos estes homens que não sabem que são infelizes" tem apenas 78 caracteres. E "Sou um doido que estranha a própria alma", quase a metade. Pincei ao acaso esses dois tuitos recentemente psicopostados por Pessoa. Não costumam acompanhar seus avatares, bastante úteis como divulgadores e perpetuadores da obra do poeta, mas sem maiores atributos para quem o leu na fonte original. Mais curiosidade me despertariam os poetas e parafrases do poeta e seus heterônimos, tuitando coisas do tipo "Tuitar é preciso". Ou menos óbvia. "O sol por trás da torre faz

a torre incandescente", por exemplo. No original, a lua ocupava o lugar do sol e a torre ficava apenas "diferente".

Tal forma de apropriação, se bem executada, é rica e queda, desde que o paródico ou parafrásico não seja um genial frasca como, digamos, Woody Allen ou Millôr. Seu espírito, sim, pode ser emulado, mas não o cerne do seu humor. Melhor encarnar numa figura circunspeta, tornando-a inesperadamente o seu avesso, ou seja, uma pessoa engraçada, gozadora. Já fizeram isso com Deus (@tweotofGod), a quem sigo sempre, e sempre às gargalhadas.

Esse avatar do Todo Poderoso é uma curtição, especialmente saborosa para agnósticos e ateus. Onipotente, mas confusamente inseguro, o God do Twitter vive a desmoralizar a teodiceia, não se eximindo das desgraças do mundo e assumindo as escanecaras suabes misantrópicas. "Se cuidar dos outros é crime, eu clamo inocência", tuitou algum tempo atrás. Deuchado, revelou só ter inventado a religião pra manter a humanidade longe dele, já definiu suas orações como spams e aconselhou os fiéis "a consultarem outros deuses". Dia desses, comunicou: "Continuo solteiro e adorando".

Meu tuitero favorito é um americano do Wisconsin que se passa por alemão e aderiu ao microblog há dois anos. Já postou mais de 30 mil tuitos e

amealhou mais de 61 mil seguidores. Eric Jarosinski, professor assistente de alemão da Universidade da Pensilvânia, refugiou-se no Twitter para fugir de um livro sobre a transparência como medida na cultura alemã, que se comprometia escrever e não conségua. Tomara enjoo da linguagem acadêmica, de suas "frases longas, complexas e densas de qualificativos", a ponto de suar em bicas sempre que se sentava diante do computador. Para distrair-se e superar o bloqueio, começou a tuitar a partir do smartphone e deixou o livro a mojar no laptop. Tomou gosto. Se pu-

### Meu tuitero favorito é um americano que já amealhou mais de 61 mil seguidores

desse, só falaria em, no máximo, 140 caracteres, confessou a Jason Fagnone, blogueira da revista *The New Yorker*.

É uma das vezes mais singulares da tuitologia: límpida, alusiva, lacônica, irreverente. Verifique por si mesmo em Nein@NeinQuarterly. O trimestral (quarterly) é uma boutade. Jarosinski assume a editoria do que identifica como "um compêndio de negativismo utópico" (ou, quem sabe, de uma utopia negativa), de "circulação" diária. Nein quer dizer não, em alemão. Seu avatar é a caricatura de um teso wei-

mariano, de olhar duro e monóculo; ninguém menos que Theodor W. Adorno, sumo pontífice da Escola de Frankfurt, cujas teorias Jarosinski, que às vezes também posta em alemão e em inglês, conhece de cor e salteado. Por trás de sua ironia cáustica, percebe mais a lâmina do austríaco Karl Kraus.

A proverbial falta de humor dos alemães é um de seus clichês malhadiços. Idem o romantismo e as tolices do mundo moderno. Ad ora gozar Magritte e até a mídia social que lhe deu fama: "Antes do twitter tínhamos a impressão de que estávamos sós. Agora temos certeza". Bom de jogos de palavras e neologismos bilíngues, é dele a expressão "flâneurd", que é como, millorriamente, identifica um sem-teto com Ph.D. em informática.

A seguir, algumas pérolas do negativista Jarosinski:

Faço meus pedidos no Starbucks com o nome de Godot. E vou embora.

A primavera se aproxima. Por favor, não digam nada aos poetas.

A História está chegando ao fim. De novo.

Assim falou Zarathustra com um desconhecido. No ônibus. O cara mudou de assento.

Muitos escritores bebem à beça. Na Alemanha, são os leitores.

Aproveite este belo dia pra pôr sua alienação pra trabalhar.

Arrumando meus livros. Pelos que destruíram minha visão, pelos que destruíram meu futuro e pelos que destruíram minha visão do futuro.

Quanto mais aprendemos sobre poli-

tica, menos queremos saber. Quanto mais aprendemos sobre ideologia, menos queremos acreditar.

Alguns chamam de decadência cultural. Outros, de tradição.

Vou aproveitar este fim de semana pra terminar aquela palavra em alemão que me gritaram na semana passada.

Twitter e Facebook entram num bar. Facebook vê um amigo e com ele troca uma foto de gato. Twitter sai à cata de um seguidor.

Só pra lembrar que qualquer coisa que você diga sobre Walter Benjamin foi provavelmente melhor dito por Walter Benjamin.

A falta de significado é mais difícil do que se pensa.

Teoria: 50 tons de Marx.

Dialética entra num bar. História sai de fininho. Luta de classes pede mais um chope.

GIN entra num bar. De ressaca. Pede uma tônica.

Magritte entra num cachimbo. Pede um bar.

As vezes sonho com Roland Barthes. Comemos bife com fritas, vamos a uma luta livre ou a um strip-tease, ficamos apreciando os detergentes. (Este tuit só é útil digível para quem leu *Mythologies*, de Barthes).

Hemingway, Joyce, Dorothy Parker, Faulkner e Bukowski entram num bar. Sobre pro Kafka pagar a conta.

Preciso sentar e ler um tuite do começo ao fim. Dizem que às vezes vale a pena.

## Literatura

# A vida toda em todos os lugares

Em obra, Lucia Santaella demonstra a urgência de pensarmos o mundo com base em novas tecnologias

Rodrigo Petronio  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Em sociedades cada vez mais ligadas por redes de comunicação, as ciências que estudam essas sociedades se tornam também essas cada vez mais complexas. Por isso, para definir o conjunto de teorias que analisam as formas de comunicação humana e não humana, criou-se a expressão ecologia das mídias, que engloba diversos campos de saber: semiótica, teoria dos sistemas, cibernética, tecnologia da informação, teoria cognitiva e estudos em inteligência coletiva. Ela é necessariamente interdisciplinar.

Nesse horizonte se insere a obra de Lucia Santaella, pesquisadora dessa área, sobre a qual é também autora de diversas obras. A mais recente, *A Comunicação Ubíqua: Repercussões na Cultura e na Educação*, aborda justamente o fenômeno da ubiquidade (ocupar espaços distintos simultaneamente), em suas faces cultural e educacional.

A obra investiga temas como pós-humano, as promessas da web 3.0, as interfaces entre a cidade e o corpo. Abre uma reflexão sobre o conceito de privacidade e sua ambivalência na era digital. Enumera as principais mudanças políticas e subjetivas produzidas pelas redes digitais.



A autora. Estudo sobre ecologia das mídias com base em Deleuze e Foucault

**COMUNICAÇÃO UBÍQUA - REPERCUSSÕES NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO**  
Autora: Lucia Santaella  
Editora: Paulus (376 págs., R\$ 39,50; R\$ 25,90 o e-book)

Em outros capítulos, trata do surgimento das chamadas hiper-mídias e transmídias. Lança luzes sobre a função pedagógica dos games. Ocupa-se especialmente das possibilidades de abertura

de diversas realidades. Relações, associações, mediadores, conexões. Nesse campo semântico, Santaella propõe a criação de uma "ontologia política das redes", tal como a proposta pelo sociólogo francês Bruno Latour. E também dialoga com a sua teoria do ator-rede (TAR), uma das

● **Ensaio sobre arte**  
Chega às livrarias, na próxima semana, *Arte Aquém da Arte* (Cosac Naily), obra em que a pesquisadora Lucia Santaella comenta e analisa o processo criativo de artista plástica Betty Leirner.

mais instigantes do pensamento contemporâneo.

Na obra, Santaella desfaç as fronteiras entre mente e corpo. Ressalta como as relações inter-subjetivas mudaram de pois do advento da internet. Com base em Foucault, Deleuze e Guattari, evidencia como novos dispositivos de saber-poder surgiram com o ciberespaço.

Em outro capítulo, Santaella define o quarto regime da imagem. E o faz com três modelos da imagem fotográfica, definidos pelo filósofo Vilém Flusser. Trata-se de uma reflexão nuclear para todos que lidam com arte e com suas interfaces com novos meios. Os demais capítulos se alinham ao tema da ubiquidade, e tanto em sua acepção cultural quanto pedagógica.

Em linhas gerais, a obra de Santaella demonstra a urgência de pensarmos o mundo com ba-

se em novas tecnologias. Não é apenas análise de novas tecnologias com modelos clássicos. O importante é compreender que a vida de novas formas produz novas formas de vida. E essas novas formas de vida demandam novos modelos conceituais.

Por outro lado, a ubiquidade deixa de ser um patrimônio de elites financeiras e intelectuais do planeta. Torna-se uma experiência cotidiana. É preciso realizar aquela decisão transgressora das máquinas, profetizada por Flusser. Ou seja, desviá-las de sua função inicial. Essa é a única maneira de reverter a alienação do ser humano produzida pelas máquinas. Usando-as em benefício de nossa liberdade. E em nome da emancipação humana.

RODRIGO PETRONIO É ESCRITOR E FILÓSOFO E PROFESSOR DA FAAP



NA WEB  
Trecho. Leia  
passagem do livro  
da pesquisadora

estado.com.br/es/santaella

Babel | Maria Fernanda Rodrigues MARIAR.F.RODRIGUES@ESTADAO.COM

## ROMANCE

### Milan Kundera volta à ficção com umbigos, Paris e Stalin

Boa notícia para os leitores de Milan Kundera (*foto*), que desde 2002 não vem em uma ficção nova dele nas livrarias. *A Festa da Insignificância*, lançado na Itália em 2013, será publicado aqui em agosto pela Companhia das Letras. No novo romance do autor de *A Insustentável Leveza do Ser* e *Risíveis Amores*, Alain vagueia por Paris num dia de verão, se depara com a última moda (calça de cintura baixa e barriga mostra) e reflete sobre como a sociedade contemporânea colocou o umbigo no centro do erotismo. A obra alterna as reflexões do protagonista e de seus



amigos, que levam a uma vida esvaziada na capital francesa, com seus encontros e memórias que remontam ora ao stalinismo ora à contemporaneidade, sempre remetendo à insignificância da existência humana.

## FICÇÃO

### Inércia e barbárie

Também do leste europeu vem *História Policial*, do húngaro Imre Kertész, Nobel de 2002, que a Torresilhas lança nos próximos dias. O livro conta a trajetória de pai e filho nos subterrâneos de ditadura latino-americana baseada no relato de um ex-torturador, que escreve da prisão, e de fragmentos do diário de um jovem torturado.

## HISTÓRIA

### A mulher na URSS

Em maio, a historiadora americana Wendy Goldman faz palestra em SP, Rio e Campinas para divulgar *Mulher, Estado e Revolução: Política Familiar e Vida Social Soviéticas (1917-1936)*, que sai este mês pela Boitempo e Iskra.



## DIGITAL

### Em defesa do e-book

No dia 17, a Rocco inicia a publicação, em suas redes sociais, de uma série de 10 tirinhas de Stéphanie sobre o universo do livro digital. O dinossauro acima é o personagem da campanha, que terá outro marco: o lançamento dos dois primeiros e-books da série *Doctor Who - 11 Doutores*, 11 *Histórias* inspirada no seriado britânico. São eles *Uma Máquina para o Doutor*, de Eoin Colfer, e *A Cidade Sem Nome*, Michael Scott. Só no segundo semestre esses e os outros 9 títulos - haverá um de Neil Gaiman - serão reunidos num volume impresso.

## MARKETING

### Antes da eleição

Gaudêncio Torquato, autor de *Marketing Político e Governamental*, o primeiro livro do gênero publicado no Brasil (1985), volta ao tema e lança, pela Summus, em junho, *O Novo Manual de Marketing Político*.

## JUVENIL

### Com a ajuda da filosofia

Com *Obedecer? Ou Rebelar-se?* e *Amar um Potco, Muito... Loucamente*, a Alatide inicia, em meados do mês, a edição da coleção francesa *Jovens Pensadores*, da Gallimard. É para crianças a partir de 12 anos.

## NÃO FICÇÃO

### Da Vinci e os signos

Para o astrólogo brasileiro Pedro Tornaghi, no quadro *A Última Ceia (abaixo)*, de Leonardo da Vinci, cada apóstolo é a representação de um signo. Ele defende essa ideia em *Leonardo Astrólogo*, que lança, em junho, pela Bertrand. A obra dedica um capítulo para cada apóstolo e discute, ainda, questões como leitura corporal, simbolismo, psicologia, renascimento e espiritualidade.

